

Anderson Henrique

CHAME COMO  
QUISER

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2017



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Claudia Manzollilo e Kyanja Lee

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

H519c HENRIQUE, ANDERSON. 1982 -  
CHAME COMO QUISER / ANDERSON HENRIQUE. -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

144 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-202-6

I. CONTOS I. TÍTULO

CDD.: B869.3

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

# Invisível

Bruce levanta. São seis e meia da manhã. Ele toma banho, escova os dentes e se reúne com a família para o café. O pai, a mãe, a irmã e uma empregada. Túlio, Soraya, Aurora e a empregada. Uma garrafa despeja um caldo amarelado no copo de Bruce. Ele bebe, o líquido tocando seus lábios. É uma garrafa de suco, mas poderia ser de veneno. O pai de Bruce olha os indicadores do mercado em um *tablet*: Bovespa 43.350, PTAX BC 3.9042, Euro BC-R\$ 4.2482/4.2504, TR 0.2250, TJLP 0.58. O suco encontra a ponta da língua de Bruce e se espalha pela boca, enquanto sua mãe verifica a agenda do dia: um café às nove com fornecedoras, terapia às 11, almoço ao meio-dia. O resto da tarde no *coiffeur*. O líquido alcança a garganta do rapaz. A faringe se fecha, contrações peristálticas conduzindo a bebida pelo esôfago. Aurora tem nome de princesa, mas seus conflitos não caberiam em um desenho da Disney. Ela tem aula durante a manhã e curso de inglês à tarde, mas não planeja comparecer a nenhum dos dois. O suco de Bruce atinge o estômago. A válvula cárdia se fecha. Glândulas sintetizam

e secretam enzimas digestivas. O cheiro de pão fresco se mistura ao aroma do café que está na máquina. A fusão dos odores chega às narinas da empregada, um SMS da grelina direto para o hipotálamo. Enquanto Aurora envia um *e-mail* para um rapaz da escola, os músculos do estômago da doméstica empurram o ar para dentro da válvula pilórica. A barriga ronca, mas ninguém ouve porque um telefone toca. Túlio atende e dá instruções a seu subordinado. O estômago de Bruce começa a digerir o suco. Aumentam os níveis de insulina e ácido fosfórico em seu organismo. A empregada quer comer, mas ela precisa esperar que a casa esteja vazia e em silêncio. Há ordem para tudo.

Depois de beber o suco e arrancar dois pedaços de uma torrada, Bruce percebe que a pele de seu antebraço está um pouco mais clara. Ele investiga de perto, passando os dedos pelo local e constata que suas veias estão mais aparentes. Tem a impressão de ver o sangue circulando pelos vasos sanguíneos. Talvez seja hora de pegar um pouco de sol, ele pensa. Próximo ao local, há uma tatuagem feita há dois anos, quando ainda tinha 14, após assistir pela terceira vez ao filme *O senhor dos anéis*. Falsificou a assinatura do pai, juntou com uma xerox da identidade e tatuou em élfico: *Um Anel para a todos governar, Um Anel para encontrá-los. Um Anel para todos trazer e na escuridão aprisioná-los*. A ousadia lhe trouxe problemas na época. Seu pai ainda se aborrece ao ver a inscrição no antebraço do filho, um nítido olhar de reprovação toda vez que há um contato visual, mas ninguém volta ao assunto.

O motorista deixa Bruce e Aurora na porta da escola. Dividem-se ao chegar: bloco A para ele, bloco C para ela. Bruce passa por um grupo de meninas no corredor, mas nenhuma

delas nota sua presença. Durante a aula, a correção da prova de matemática, um sete em tinta azul. Há um formigamento em um dos seus antebraços. Ele levanta a manga do casaco e pode ver com clareza as trilhas que as artérias percorrem pelo braço, a pele branca convertida em um tecido avermelhado de textura fibrosa. Assustado, ele desce a manga do casaco e olha ao redor. Ninguém parece ter reparado.

Bruce liga para sua mãe no intervalo entre a primeira e a segunda aula. O telefone toca sete ou oito vezes até que a ligação é desviada para a caixa postal. Ele pensa em seu pai, mas a possibilidade de ser atendido é remota. Em último recurso, a irmã. Ele vai para o corredor e desce dois lances de escadas. Caminha até o outro bloco e procura a sala de Aurora. O pescoço esticado pela porta entreaberta permite vasculhar cada carteira, mas ele não a encontra. Uma amiga de Aurora pede licença para passar, a cabeça de Bruce no caminho. Cê viu minha irmã? A menina aponta para o corredor: acabou de sair.

Aurora está no *hall* conversando com um aluno do terceiro ano. Bruce tenta chamar a atenção de sua irmã de longe com um aceno. Podia jurar que ela tinha visto os sinais, mas ela vira o corpo na direção contrária. Bruce se aproxima e cutuca o ombro da irmã, a cara dela como um painel de desprezo. Quié? Preciso falar com você. Tô ocupada. Bruce insiste e a leva para um canto do corredor. Ele levanta a manga do casaco e mostra o braço. Aurora dá um passo atrás, o assombro falando por si. Me ajuda, ele suplica. Ela diz que não pode fazer nada. Não sou médica, tenho umas coisas pra fazer. Para livrar-se do irmão, ordena que ele procure a enfermaria. Bruce insiste, mas ela se esquivava. Nada é mais importante que o rapaz que aguarda próximo às escadas.

Bruce sobe os dois lances do bloco A e para diante da sala. A porta fechada indica que a aula já havia começado. Ele empurra a maçaneta e vê a cadeira da professora vazia. Arrisca um pouco mais, colocando metade do corpo pelo vão. Sua visão alcança a lousa e encontra a professora diante do quadro branco, de costas para a turma. Ele entra sorrateiro, esgueirando-se até o local onde está sua mochila sem ser notado.

Bruce faz o que pode para copiar a matéria do quadro e ignorar a comichão em seu braço. Levanta a manga e fica observando as artérias sob a pele transparente. Move o braço como quem faz um alongamento, os músculos e as articulações em movimento, os tendões acompanhando o gesto vagaroso. Ele repete o gesto mais de uma vez, impressionado com o que vê. Mais à frente, a professora surge entre as cadeiras, inspecionando os cadernos em cima da mesa de cada aluno. Bruce cobre o braço e começa a anotar para ganhar tempo. A professora passa por ele e não faz qualquer comentário sobre o seu desempenho.

O intervalo seguinte leva Bruce ao banheiro. Ele tira o casaco, pendurando-o no suporte atrás da porta da cabine. Com os braços esticados, ele vê o esquerdo quase translúcido, toda a matéria sob a pele, invisível. O direito também já havia perdido a cor. As mãos mantinham a normalidade, com exceção das unhas, já avançadas no processo de desaparecimento. Ele desce a calça até os joelhos e vê as coxas translúcidas, mas não se desespera. É preciso pensar em alguma coisa.

Ele aproveita o final da segunda aula para fugir da escola. Inventa que vai comprar doces na barraca em frente e escapa. Próximo do ponto do ônibus, ele vê a irmã entrando em um carro com o rapaz do terceiro ano. Fato corriqueiro: Aurora

costumava sumir no meio das aulas. Ele faz sinal para o primeiro ônibus que passa e se acomoda ao lado de um senhor de cabelos brancos e barba hirsuta que ocupa um assento próximo à janela. Bruce percebe que o homem o observa examinar os pulsos transparentes. Também acontece comigo, o velho diz com a voz estremeçada. Às vezes, não consigo um único lugar para me sentar. Bruce o encara com a admiração de uma mariposa diante da luz. Pensa em algo para dizer, mas se limita a observar a paisagem. Duas ruas depois, o velho pede licença para descer. Bruce gira o corpo, colocando as pernas de lado. O senhor passa por ele apoiando uma das mãos sobre a sua cabeça. Afaga-lhe os cabelos e deseja boa sorte.

Bruce desce no centro da cidade. Chocolate, bala Halls, uma concorrente da bala Halls e uma imitação de bala Halls. Tudo a preços módicos. Massageadores portáteis, CDs piratas e *pendrives* com capacidade de uma vida. Panfletos de empréstimo, leitura da sorte e um restaurante a quilo. Um homem-placa anuncia a compra de ouro. Carimbos e cartões, diz um cavalete com uma seta apontada para o interior da loja. Um jovem carrega um cartaz de um lado a outro da avenida sempre que o sinal fecha. Nada pode nos separar do amor de Deus, está escrito.

Bruce atravessa duas ruas até chegar à porta do edifício. Identifica-se na recepção, dizendo que vai ao sétimo andar. Tiram uma foto sua e lhe entregam um cartão com a inscrição Visitante. Ele entra no elevador. Pelo espelho, vê que uma de suas sobrancelhas havia desaparecido. Ele ajeita o cabelo para baixo, cobrindo parte do rosto. No sétimo andar, nova recepção. Preciso falar com Túlio, meu pai. A secretária pega o telefone do gancho e troca algumas palavras com a pessoa do outro lado. Última

sala do corredor, à direita, ela diz ao desligar. Aperta um botão debaixo da mesa e destrava a porta.

O escritório parece um labirinto. Os cubículos se amontoam, pessoas passando de um lado para o outro como ratazanas que não sabem aonde vão. Mais ratoeiras que queijo. Um jovem apressado carrega uma pilha de papel e quase tropeça em Bruce. O Sr. Túlio já vem, a secretária avisa quando ele chega à sala envidraçada. Ela aponta para uma poltrona e pede que ele aguarde. No alto de uma porta fechada, há o título do cargo que seu pai ocupa na empresa. Bruce se acomoda no assento, encostando a cabeça no apoio, enquanto observa a mulher atender às ligações com um entusiasmo exagerado. A madrugada anterior em frente ao *videogame* manda um recado e ele adormece. Ao despertar, tudo o que vê são as sombras formadas pela luz débil que escapa do corredor. Ele ouve o som das máquinas em estado de suspensão e reconhece o escritório mesmo na penumbra. A mão que ele usa para acionar o interruptor ainda está lá, mas já não pode ser vista. As luminárias se acendem e os olhos reagem contraindo as íris, as pálpebras fechadas para impedir, em vão, a entrada da luz. Ele pressiona o interruptor mais uma vez, o ambiente torna a escurecer. Quando tenta sair, descobre a porta trancada. Ele vai até a mesa da secretária e vasculha as gavetas à procura de uma chave. Sem alternativas, recorre ao extintor de incêndio que repousa em um canto. Assim que retira o objeto do suporte, Bruce vê o reflexo do ambiente em uma das paredes: um relógio a marcar dez horas da noite, a mesa de mogno junto à cadeira da secretária e um cilindro vermelho arrastado no ar por uma força invisível até ganhar velocidade e se chocar contra o vidro.



# A obra

Computador ligado, processador de texto aberto, página em branco. Alguém com minha experiência já deveria estar habituado à gênese da criação, mas quem é capaz de se acostumar a algo que é ao mesmo tempo familiar e assustador, um mal que se manifesta no branco absoluto? Quanta inveja destes escritores copiosos que despejam palavras e mais palavras no papel. Minha imaginação é um tonel de água com um minúsculo furo, por onde as ideias escapam em gotículas para um deserto esbranquiçado. É verdade que já fiz uma ou outra anotação e tracei algumas linhas de raciocínio, mas o que tenho é apenas matéria bruta.

Duas coisas me preocupam neste momento: o prazo e a obra do outro lado da rua. A primeira vence daqui a alguns dias; a segunda, eu não tenho certeza quanto tempo dura. A última é mais grave e tem dificultado minhas atribuições. O som insistente de uma marreta entra pela janela e despedaça qualquer vestígio da iniciativa criadora. Quando não é a marreta, é a serra ou trator ou britadeira ou caminhão ou mesmo a makita multiuso.

Todos em uma sonora conspirata para me impedir de cumprir o prazo acordado.

A movimentação durante o dia é intensa, mas à noite também há agitação. Ontem mesmo eu perdi uma frase tão bonita por causa do clarão de uma solda refletido no espelho. Fechei as cortinas, mas quando retornei ao computador, era tarde. A frase havia escapado. Cheguei a ligar para a associação de moradores para reclamar, mas fui informado de que estavam autorizados a trabalhar até de madrugada.

Gosto de observar o vai e vem de operários, máquinas e materiais. Um engenheiro surge e dá algumas instruções aos funcionários, enquanto aponta alguma coisa na prancheta. Logo desaparece. Um dos vizinhos me disse que ali será construído um condomínio residencial. Ainda estão levantando a estrutura dos primeiros pavimentos, mas já especularam que terá no mínimo uns 15 andares. Bloquearam uma fração da igreja que fica no alto de um morro. Ainda vejo a cruz no topo da catedral, mas há uma sombra nova projetada em minha sacada, sinal de que parte da proteção divina foi obstruída.

Imaginei que minha dificuldade com a escrita se devesse à pauta proposta pelo editor, mas creio que o verdadeiro problema está do outro lado da rua. É certo que a pauta me desagradava, mas este é um obstáculo conhecido. Ontem durante o dia notei a primeira presença feminina na construção. Em um lugar dominado por homens, a mulher se destacava. E como era bela! Estava vestida de maneira simples: *jeans*, tênis e uma camisa social branca. Usava um capacete de proteção e luvas amarelas. Chegou acompanhada de um engenheiro e debateu algumas questões com seus subordinados, apontando o dedo aqui e acolá. Depois se retirou.



[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)



[andersonhgo@gmail.com](mailto:andersonhgo@gmail.com)



[/anderson.henrique.777](https://www.facebook.com/anderson.henrique.777)